

MESA REDONDA: O ANALISTA PENSA?

COORDENADORA: TANIA COELHO DOS SANTOS

Pós-Doutorado no Département de Psychanalyse de Paris VIII;
Professora Associada IV do PPG em Teoria Psicanalítica da UFRJ;
Psicanalista, Membro da École de la Cause Freudienne, da Escola Brasileira de Psicanálise e da Membro da Associação Mundial de Psicanálise;
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental;
Pesquisadora bolsista nível 1C do CNPq;
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana; Editora de aSEPHallus Revista de Orientação lacaniana.

Endereço: Rua Visconde de Pirajá, 318/608 Ipanema, de Janeiro CEP 22410000

E-mail: taniacs@openlink.com.br

Título: O analista pensa com seus pés?

O ato do analista prescinde do de toda e qualquer forma de pensamento seja ela consciente ou inconsciente? Se ele incide sobre o sujeito como interpretação ou sobre o corpo falante como ressonância, o que o distingue enquanto pensamento num caso e no outro? Embora o sujeito do inconsciente seja um sujeito sem qualidades, nem por isso deixamos de supor que “isso pensa”. O ato do analista incide sobre isso que pensa, decifrando o sentido enigmático cifrado nas formações do inconsciente. O corpo falante, diferentemente, não é um sujeito. Ao final de uma análise, revela-se que isso que fala com seu corpo não é interpretável. Lá onde não há pensamento - somente o gozo tagarela com a fala que não se endereça a ninguém e não quer dizer mais nada – a intervenção analítica que convém, envolve alguma modalidade do pensar? O aforisma lacaniano, o analista pensa com seu pés, pode nos esclarecer, talvez, como abordar a tagarelice fazendo ressoar o vazio da não relação sexual, ao invés de interpretar um sentido inconsciente.

Foi em “A Terceira”, intervenção no VII Congresso da Escola Freudiana em Roma, que Lacan retornou mais uma vez e no mesmo lugar sobre o tema do campo da fala e da linguagem. Ele reinventa o cogito cartesiano para dele extrair que penso, logo(z)sou. Faz pilhéria com a surpreendente indistinção entre o significante e o gozo:

“Vocês imaginam que o pensamento se mantém nos miolos? (...) Da minha parte, estou certo – certo assim, isto é um assunto meu – de que se mantém no músculo subcutâneo da testa, no ser falante como no ouriço. (...) Se vocês podem pensar com os músculos subcutâneos da

testa, podem também pensar com os pés. (...) pois afinal de contas o imaginário, o simbólico e o real são feitos para que aqueles desse tropel que me segue, possam trilhar o caminho da análise. (...) Que esses três termos sejam rodela de nó borromeano, ainda assim não é motivo para que vocês metam o pé aí. Não é isso que eu chamo de “pensar com os pés” (p. 14)

Explica que não se trata de colocar neste nó um membro e sim o objeto a. Este último, é equivalente à função do analista de causa do desejo do analisando. É o que se trata de obter. É preciso sê-lo, embora do ser só se possa fazer semblante pois se trata de um furo do qual não temos a menor ideia. O real não é o mundo nem é o universal, pois não se pode alcançá-lo por meio da representação. Não há mais nada no mundo além dos objetos a (bosta ou olhar, voz ou teta), estes dejetos que ex-sistem ao corpo. Para fazer semblante do objeto a, é preciso talento.

Este terceiro discurso de Roma, Lacan o sustenta pelo Real. Pergunta-se: “*A psicanálise é um sintoma? (...) Chamo de sintoma ao que vem do Real.*” (p. 17) O sentido sintoma é o real. Ele impede que as coisas caminhem, isto é, que elas garantam a satisfação do mestre. Pois o gozo do escravo está sempre garantido, e é por isso que ele se deixa levar pelo mestre. Mas agora não há mais escravos. Consequência, segundo me parece, de que todo homem nasce livre e igual. A felicidade tornou-se uma obrigação política. Por esta razão, o sentido do sintoma depende do futuro do real. Se a psicanálise obtém sucesso, tornar-se-á um sintoma esquecido, uma verdade apagada. Para tanto, é preciso que ela fracasse.

Eis uma boa razão para que os analistas pensem com os pés. O que me lembra a resposta de Sócrates ao peregrino que lhe pergunta quanto tempo levaria para chegar a Atenas. - Caminha..., ele responde. Mas, sabemos bem que “*No meio do caminho, tinha uma pedra*”. Este poema de Carlos Drummond de Andrade, já foi muitas vezes lembrado para ilustrar aquilo que embarça nossos pés. “*No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho. Tinha uma pedra. No meio do caminho tinha uma pedra*”. Todo analista sabe que o pensamento é aberrante, ele se equivoca, gira em círculos como um disco quebrado. O discurso analítico não ignora que não há relação sexual, que o pensamento não alcança o real. Ele se reduz a soldar o analisando ao par analista-analisando. Mas não depende do analista que o advento do real. Sua missão é contrariá-lo. É o discurso científico que não cessa de providenciar o advento do real.

O discurso analítico, diferentemente, sustenta o equívoco. Na medida em que alguma coisa no simbólico se reduz ao jogo de palavras, à equivocidade que comporta a abolição do

sentido que o gozo fálico pode se restringir também. Pois, o sintoma é a irrupção dessa anomalia na qual consiste o gozo fálico. Trata-se de uma falta fundamental, a não relação sexual. Na interpretação, intervenção analítica que incide tão somente sobre o significante, ao incidir sobre o saber inscrito de lalíngua no inconsciente, pode fazer o sintoma recuar.

A cor da fúria é vermelha...

Vamos chamá-lo de Harold. Ele parecia com aquele garoto fantasma do filme “Ensina-me a viver”, que se ocupava de simular sua própria morte. Isso foi há muito tempo atrás, quando me procurou pela primeira vez, aos 24 anos depois do desencadeamento de um violento acesso de fúria e ciúmes provocado pela namorada que o deixou. Ela não tinha o direito de fazer isso. Ele até poderia deixá-la, se quisesse, mas o contrário era inadmissível. O desfecho de um tal do acesso de violência, em local público, foi uma internação. Foi internado por causa de uma doença inexplicável que sobrevém esse episódio e, em seguida, cai em depressão.

Ele já tinha começado a fazer pequenos cortes em seu corpo, em geral quando os pais recomeçavam a rotineira carnificina, física e verbal, em que se transformava qualquer desentendimento cotidiano. No passado, quando ele ainda era pequeno, segundo sua mãe lhe contou, o pai foi internado e diagnosticado como psicótico depois de uma briga em que acabara dando um tiro nela. Livrou-se de um processo graças à alegação de doença mental. Só muitos anos depois soube da verdade. Fora ela quem atirara nele, com receio de ser atacada. Observe-se o grau extremo de passionalidade, às raias da loucura, que reinava sobre o mal-entendido entre os sexos do casal parental.

Muitas vezes não conseguia concentrar-se nos estudos, ficava angustiado e depois caía em depressão. Para aliviar esses penosos estados emocionais, ele se cortava e depois observava mais tranquilo, o sangue escorrer. A sangria o esvaziava de alguma coisa da qual estava demasiadamente cheio. Veremos, em seguida, de que estava ele estufado. Então, depois desse ato, conseguia estudar um pouco. Mas, como a pilha de artigos que ele não conseguia ler continuava crescendo, sempre mais rápido do que sua capacidade de lê-los todos, recaía em depressão. Ficava dias sobre uma cama, sem tomar banho e sem sair à rua. A uma pergunta minha, bem banal, e da qual não me lembro mais, respondeu um dia: *minha mãe me mandava raspar o prato!* Como era incapaz de raspar a pilha de textos, paralisado ele não lia nenhum. Faço semblante de mãe e inverto o imperativo. Disse-lhe: - *Deixe um resto, não raspe o prato.* Na ocasião, isso funcionou.

Seu universo fantasmático permanecia mórbido. Sonhava com cadáveres, caixões, cemitério, enterro e devaneava sobre os mesmo temas quando estava acordado. Ele tinha uma certa capacidade de traduzir tudo isso numa linguagem quase literária e, podia até, de vez em quando, rir

de si mesmo. Odiava o pai e estava convencido de que ele era louco e que tentava prejudicá-lo de qualquer jeito. Somente depois de seis anos de análise, um acontecimento corriqueiro me permitiu uma modesta intervenção que subverteu esta sua convicção alicerçada num poderoso insulto: “louco”. Foi no dia da sua formatura. Ele pediu o carro do pai emprestado para conduzir alguns amigos que não tinham carro até o local do evento. O pai negou-se a emprestar-lhe o carro e mais uma violenta disputa desencadeou-se. Harold me relata esse episódio transtornado. Era mais uma prova irrefutável do caráter intratável de seu pai. Então, eu lhe fiz a seguinte pergunta idiota: - *E como é que seu pai iria à sua formatura, se te emprestasse o carro?* Ao que ele respondeu sem titubear: - *De taxi, ora!*

Faço semblante de idiota e, lentamente, num tom de quem tenta aprender uma idéia difícil e inédita, eu lhe disse o seguinte: - *você acha mesmo.... que ele deve emprestar o próprio carro e tomar um táxi?*

A duras penas aceitou que não podia exigir uma coisa dessa de ninguém, nem mesmo de um louco. A esse episódio seguiu-se um intervalo de lucidez. Concluiu que sua mãe jamais consentiu que seu pai interviesse em sua vida. Ela o pintava como um louco esquizofrênico e violento. Desacreditado e privado de qualquer direito legítimo ao filho, tornou-se um morto-vivo, um cadáver insepulto no meio da sala. Como nos filmes de terror, às vezes, a múmia se levanta para aterrorizar os vivos. A sombra desse objeto odioso, entretanto, caiu sobre ele próprio, o filho também morto/vivo. Sobre a conexão entre seus fantasmas mórbidos e a condição de morto-vivo de seu pai, eu lhe digo num tom oracular: - *Tal pai, tal filho!*

Com a queda dessa identificação, seus sintoma se esvazia, seu relacionamento com seu pai se normaliza, ele se casa com essa namorada com todo o apoio da família.

Voltou a me procurar muito tempo depois. Parecia às voltas com um imenso ritual de destruição, um *potlach*. Está hiper-vivo, botando pr’a quebrar. Sua analista, como um *software* anacrônico, precisava urgentemente de um *quick-up-date*. Ele ainda se parecia com aquele rapaz escrupuloso e de boas maneiras, mas, bastante grisalho para sua pouca idade. Os cadáveres não o encantam mais. Quer me fazer compreender, com uma urgência vertiginosa, que está vivendo, como Michel Leiris em *L’âge d’homme*, o seu apogeu como macho. Tornou-se um consumidor de sexo virtual: da pornografia, das práticas de exibição recíproca com *web-can*, das ligações perigosas com correspondentes anônimas, dos *blind dates* e de outros prazeres exóticos. É preciso que eu lhe diga, e depressa, se trata-se de loucura ou de perversão. Muito assustado, relata que está ficando completamente impotente.

Acabara de deixar sua mulher e alugou um pequeno apartamento onde se encontra com uma quase desconhecida para viver uma tórrida aventura sexual, que pode recuperar sua virilidade

ameaçada. Essa mulher, que é casada e não tem filhos, ele a resume enfaticamente: *M. é conhecimento*. Interpreto, aludindo ao filme *Harold e Maud*: - *Ela lhe ensina a viver*.

Sente-se tomado por uma sede insaciável de aventuras. Está sempre pronto para iniciar uma nova ligação com qualquer mulher que lhe pareça disponível. Sempre volta, entretanto, a procurar a ex-mulher, que não desistiu dele a despeito da escrupulosa sinceridade com que ele lhe revela os detalhes de sua intimidade com outras mulheres. Não quer abrir mão dela, mas não sabe se ainda vai querer voltar a viver com ela. Atribui o desencadeamento de seu bizarro comportamento sexual aos problemas de saúde - que ela apresentou pouco tempo depois de casados - e que fizeram dela uma dona de casa chata e uma mulher muito pouco sensual. Considera, entretanto, que a admira muito. Inteligente, bem encaminhada profissionalmente, muito bonita e que tornou-se, até mesmo, mais sensual depois da separação. Em suas próprias palavras: - *Ela diz que eu sou um esquizofrênico. Eu preciso que você responda logo: sim ou não. Ela quer ter um filho, pois está chegando ao limite de idade*.

Minha resposta, irônica, passa ao lado da pergunta: - *Então essa mulher inteligente, que sabe que você é um esquizofrênico, quer ter um filho seu mesmo assim?*

Nesse ínterim, o marido de Maud foi informado por um *hacker de internet* - que havia copiado todos os seus emails e todos os arquivos pornográficos que ele guardava em seu computador - do caso que vinha mantendo com ela. Esse hacker é o detalhe mais novelesco dessa história, copia e divulga correspondências e arquivos de homens como Harold, que destroem casamentos e semeiam a infelicidade das famílias. O marido de Maud telefona seguidamente para o celular deste analisando, faz ameaças para despertar nele algum sentimento de vergonha. Mas ele não pode deixá-la, nem lhe prometer casamento. Ele quer que ela deixe o marido, mas, não quer que ela venha morar com ele. Essa configuração passional explosiva não tarda a produzir um novo desencadeamento. Logo recebo um chamado de sua mãe em meu celular. Ela me informa que ele se cortou mais do que de costume e precisou ser suturado numa emergência. Eu tinha concordado que ele reduzisse suas sessões para uma vez por semana. Isso posto, lhe telefono fazendo semblante de bruxa. Digo: - *Sua mãe me ligou e já recebi o seu recado. Te espero amanhã*. Tornei a recebê-lo no mesmo horário que, previamente, eu tinha concordado em desmarcar.

... é vermelha como sangue

Sobre o motivo para ter se cortado tão profundamente, trouxe um longo relato. Primeiro foram os ciúmes. Maud estava com sua família num almoço e ele pensou que ela parecia muito feliz com seu marido. Toma esse comportamento como uma prova de amor pelo outro.

Deixou uma mensagem grosseira na caixa postal do celular dela e convidou a ex-mulher para encontrar-se com ele: - *Vamos aprontar?* Ele lhe disse. Foram a um barzinho. Dançaram, beberam, namoraram até que ela lhe contou que seu irmão lhe desejou que aproveitasse a *night* e beijasse bastante. Ele fica enfurecido. Torna-se violento. Bate nela. Sai para a rua e, bêbado, vai para casa dormir. Acorda duas horas depois, volta a procurá-la e mais uma violenta discussão foi desencadeada. Ele vai até a cozinha, pega uma faca maior que as de costume e começa a se cortar e faz um rasgo bem grande no antebraço. Em seguida, sai novamente e não volta mais. Lúcido, ele me explica que sente uma fúria, como sua mãe. Ela lhe teria dito certa vez: - *A cor da fúria é vermelha. Eu enxergo tudo vermelho quando estou furiosa.*

Esse pedaço de discurso esclarece de que ele se enche e precisa ser esvaziado pelo corte que deixa o sangue vermelho como a fúria escorrer. Esse fragmento de sua análise foi essencial para que eu pudesse, finalmente, encadear o gesto de cortar-se ao campo do significante. Como uma secretária do alienado, observei o seguinte: *Não é qualquer coisa que te deixa louco, exaltado, fora de si. Sua primeira crise aconteceu quando foi deixado pela sua namorada aos 24 anos.*

Ele confessa que, como sua mãe, ele não admite ser deixado. Ela é terrivelmente ciumenta. Louco de ciúmes, quando ele se corta, ao ver o sangue escorrer, recupera a lucidez. As marcas dos cortes no corpo lhe fazem bem, enquanto duram. Mas, elas não duram para sempre, por isso é preciso recomeçar. O laço entre o *sinthoma* (cortar-se), a língua materna (fúria) e o mal entendido entre os sexos, pode, nesse momento, ser articulado. Lembro-lhe então o seguinte: - *Há muito tempo atrás você me disse: a mulher dá o sexo para obter o amor e o homem dá o amor para obter o sexo.*

Ele me responde que não se lembra de ter dito isso, mas, reconhece a frase como algo muito familiar. Esse ditado é muito semelhante ao tipo de conselho que recebeu do pai e de outros homens mais velhos. La língua é feita disso, de cacos de discurso. Para ouvir a conexão entre um ditado e um *sinthoma*, que é da ordem de um *Witz*, é preciso ser da paróquia. É preciso poder rir do impossível em jogo no mal-entendido entre os sexos. Podemos deduzir que, como sua mulher se mostrou uma enfermeirinha dos pais e do irmão, sonha que Maud seja uma mulher que deseja só sexo, como um homem. A fúria de sua mãe diante do mal-entendido na relação entre os sexos indica precisamente que o aspecto nuclear de la língua é o traumatismo pois, parafraseando Lacan, é preciso reconhecer que a cólera é o afeto do real, Ela surge sempre que as cavilhas não entram nos furinhos.

La língua, sintoma e sinthome

Miller (2008/2009) em seu curso intitulado *Choses de Finesse dans la psychanalyse*, argumenta que tanto o singular quanto o universal não comportam nenhuma exceção. O singular é

incomparável, não é o caso exemplar, mas, justamente por essa razão, pode vir a ser um ser um paradigma. Um paradigma é o caso excepcional que, depois que é apreendido em sua singularidade, serve de medida para aferir outros casos que serão considerados à luz do caso inaugural. A orientação em direção ao singular visa, em cada um, ao gozo próprio do sinthoma, na medida em que ele exclui o sentido. Não se trata apenas de decifrar um saber suposto ao sintoma, mas, de esclarecer que a natureza do inconsciente é a defesa. Embora, lá onde isso fala, isso goza, a orientação para o sinthoma acentua que isso goza, lá onde isso não fala e não faz sentido.

Como intervém o psicanalista sobre o sinthoma? O lugar do analista no último ensino de Lacan não é apenas o do objeto *a*. O analista é, ele próprio, um sinthoma.¹ Ele se sustenta do não sentido, ele não se explica, ele faz semblante de traumatismo, e seu lugar se aproxima do Nome do Pai. Mãe, oráculo, bruxa, secretária do alienado são todos semblantes do Nome do Pai, que encarnei para reintroduzir o não-sentido em seu monólogo autista. Sobre isso, há uma indicação de Lacan que pode ser uma resposta mais satisfatória: “*O sem-diálogo encontra seu limite na interpretação, por onde se assegura o real.*” Nessa perspectiva, a interpretação é um limite ao monólogo autista do gozo. Mas, a interpretação que opera como limite não pode relançar o enigma e infinitizar a busca de sentido. A interpretação que convém reintroduz o real da inexistência da relação sexual, como limite ao gozo autista. No lugar da repetição do monólogo autista, trata-se de acrescentar a interpretação contingente que faz surgir o sentido novo.

Referências

COELHO DOS SANTOS, T. *Quem precisa de análise hoje?* São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

_____. O psicanalista é um sintoma. In: *Latusa número 11*. Editora Contracapa, 2007, p. 57-72.

FREUD, S. (1905) *Os chistes e suas relações com o inconsciente* ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1977. vol. VIII.

LACAN, J. (1957/58) O Seminário Livro V. *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

_____. (1968/69) Le Seminaire Livre XVI. *D'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil, 2006. p. 29-43.

_____. (1972/73) Le Seminaire Livre XX, *Encore...* Paris: Seuil, 1984.

¹ COELHO DOS SANTOS, T. O psicanalista é um sintoma. In: *Latusa número 11*. S.Paulo, Editora Contracapa, 2007. p. 57-72.

_____(1974) A Terceira in: Opção Lacaniana, Revista Internacional de Psicanálise, Edições Eólia, Dezembro 2011, numero 62.

MILLER, J. A. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*, Campo freudiano do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Eds., 2000.

_____(2008/2009) *Perspectivas dos Escritos e dos Outros Escritos de Lacan: Entre desejo e gozo*, Zahar Eds., RJ., 2011

_____. Le monologue de l'apparole. In: *La Cause Freudienne*, número 34. Diffusion Navarin, 1996. p. 7-18 (traduções da autora).

_____. In: STRÉLISKI, P.; JOLIBOIS, M. *Le conciliabule d'Angers*. Agalma: Seuil, 1997.